

ENUNCIÇÃO E LÉXICO: SOBRE OS PROCESSOS DE DELOCUTIVIDADE VERBAL NO PORTUGUÊS

Valdir do Nascimento Flores
Departamento de Letras
UFRGS
Porto Alegre - RS

Silvana Silva
Departamento de Letras
UNISINOS
São Leopoldo - RS

Resumo: O objeto deste texto é examinar a noção de derivação delocutiva introduzida por Émile Benveniste e propor uma modificação acerca de tal noção como forma de abordar este tipo de derivação para verbos do português.

Palavras-chave: Verbos do português; derivação delocutiva; enunciação; descrição do português.

Résumé: L'objet de cette note est d'examiner la notion de dérivation délocutive introduit par Émile Benveniste et de proposer une modification de cette notion comportant un mode de dérivation pour les verbes du portuguese.

Mots-clefs: Verbes du portuguese; dérivation délocutive; énonciation; description du portuguese.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo estudar o processo de derivação denominado por Benveniste (1988) derivação delocutiva em algumas formações verbais do português. A partir da definição de Benveniste (1988), a saber, processo de derivação verbal cuja base é uma locução, formulamos para este estudo as seguintes hipóteses:

a. além dos processos deverbativos e denominativos de formação dos verbos, é possível propor, para o português, uma classe de verbos formada por delocutividade. Tal derivação dá-se com base nominal na relação /dizer/ e não /fazer/.

b. a base nominal dos verbos delocutivos tem caráter performativo.

2. Os pressupostos teóricos

2.1 O texto fundador: *Os verbos delocutivos*

Benveniste (1988), em *Os verbos delocutivos*, busca definir uma classe de verbos, tendo em vista as relações entre morfologia, sintaxe, semântica e, em especial, a enunciação. Assim, além dos conhecidos processos *deverbativo* (que deriva verbos de verbos) e *denominativo* (que deriva verbos de nomes) de derivação verbal, Benveniste propõe a existência do processo *delocutivo*, ou seja, verbos que derivam de locução.

O raciocínio elaborado por Benveniste é o seguinte: considera-se, normalmente, a formação *salutare*, saudar, como derivada de *salus -tis*, saúde, salvação. Em função disso, poder-se-ia interpretar *salutare* como um denominativo. Ao contrário disso, a relação *salutare/salus* exige outra abordagem: o *salus* que é base para a derivação verbal latina não é o vocábulo *salus*, mas a saudação *salus!*. Se for aceito esse princípio, *salutare* não se reduz a *salus* como signo nominal, devendo ser relacionado a *salus* como locução de discurso. Diz Benveniste: “*salutare* refere-se não à noção de *salus*, mas à fórmula *salus!*” (p. 307).

Ignorado tal raciocínio, poder-se-ia concluir que os verbos *saluare* e *saluere* - se considerados apenas em seus aspectos morfológicos - são obtidos a partir do adjetivo *saluus*. Nesse caso, é importante verificar duas realidades: a) o presente *saluare*, tornar salvo, salvar é denominativo de *saluus*, salvo, e b) *saluere* não é um verbo derivado da base nominal *saluus*, mas de *salue!* (*saluete!*), fórmula de saudação. Logo, *saluere* é um verbo delocutivo.

Cabe lembrar que Benveniste admite que um verbo possa tornar-se delocutivo apenas em uma de suas formas, não necessariamente paradigmaticizada, desde que o sentido de transferência da locução *salue!* para uma referência de discurso referido assim o permita. De acordo com essa proposta, o verbo *ualere*, ter força, ser eficaz, tem um emprego específico que pode ser considerado delocutivo: a fórmula epistolar *te iubeo ualere*. Nas palavras do autor: “*ualere* é um infinitivo convertido de *uale!* De sorte que *te iubeo ualere* equivale a *te iubeo: uale!* Assim a derivação sintática *uale!* > *ualere* propicia a *ualere*, nessa expressão, uma função delocutiva.” (p.308).

Percebe-se, com esse exemplo, que Benveniste admite que possam existir usos delocutivos, ou seja, formas verbais que estejam em função delocutiva, mesmo não sendo obtidas a partir de uma base nominal na relação /dizer/. Além disso, pode-se ver que a delocutividade é a associação sincrônica de um verbo com uma seqüência de discurso.

Vale lembrar que o autor discorda que a base dos delocutivos possa ser uma onomatopéia, já que, para ele, as onomatopéias não constituem significantes da língua.

Assim, o termo francês *claquer* (estalar o chicote), vindo de *Clac!*, não seria delocutivo. Benveniste mostra, com isso, a condição dialógica da locução que deriva os delocutivos. Além disso, ele desconsidera os chamados verbos de desejo (desejar, crer, esperar), visto que eles têm sua base na relação /fazer/ e não na /dizer/.

Finalmente, Benveniste resume da seguinte forma o seu raciocínio: o traço essencial de um delocutivo consiste em estar com a sua base nominal na relação dizer..., e não na relação fazer..., que é própria dos denominativos. O essencial é, portanto, o fato de um signo da língua poder derivar de uma locução de discurso e não de outro signo.

Para o autor,

Nem é menos instrutivo o fato de que essa classe nos mostra um signo da língua derivando de uma locução de discurso e não de outro signo da língua [...] A sua estrutura e igualmente as razões que os chamam à existência **lhes garantem uma posição totalmente particular entre as outras classes de derivados verbais** (BENVENISTE, 1988, p. 315, grifo nosso).

A fim de melhor compreender a proposta benvenistiana da delocutividade e sua aplicação ao português, abordaremos, a seguir, uma retomada do texto fundador de Benveniste à luz de algumas interpretações contemporâneas.

2.2 Relendo o texto fundador: *Da enunciação ao léxico: menção, citatividade e delocutividade*

Anscombe (1985) a considera que os comentários de Benveniste são imprecisos, pois designam, sob o mesmo termo, delocutivos de naturezas diferentes. Essas diferenças são de ordem sintática, semântica e pragmática. Se, como diz Benveniste, um verbo X-er é derivado de uma expressão, então, conforme Anscombe, uma fórmula *dizer: X!* não é suficiente para explicitar qual o estatuto de *dizer* nessa formulação. Para Anscombe, dizer é uma noção metalingüística oposta a fazer, tendo em vista que existem, em francês, as expressões lingüísticas *dire bonjour* e *faire bonjour (avec le main)*. Além disso, Benveniste não deixa claro se esse processo derivacional é sincrônico, diacrônico ou ambos.

Anscombe considera insustentável pensar em sinonímia entre X-er e a locução *dire X*, tendo em vista que *bisser* é incontestavelmente derivado de *Bis!* e não há, entretanto, a locução *dire bis*. Mesmo se houvesse, haveria diferenças: *La foule a bissé trois fois de suite* (*dizer Bis!* em três momentos diferentes) e *La foule a dit bis trois fois de suite* (*dizer Bis!, Bis!, Bis!*). Soma-se a isso o fato de, conforme Anscombe, ser de difícil estabelecimento a distinção entre dizer e fazer. São os casos *dire bonjour* e *faire bonjour (avec le main)* mencionados acima.

Anscombe passa, assim, ao estudo da noção de dizer, distinguindo tipos de delocutivos e nomeando-os, respectivamente, em *dizer 1* (delocutivo lexical sincrônico), *dizer 2* (delocutivo lexical diacrônico), *dizer 3* (menção) e *dizer 4* (citatividade).

Considerando-se **M** uma unidade lexical, seja ela simples ou complexa, que possui uma forma **F** e uma significação **S**, tem-se que uma unidade lexical corresponde à fórmula: **M = (F,S)**.

A partir disso, podemos ver que:

1) **M2 (F2, S2)** numa época **T** é delocutivo lexical sincrônico de **M1**, se: a) **M1** for uma fórmula; b) **F2** for morfológicamente derivado de **F1** (casos de derivação imprópria); c) os sujeitos falantes entenderem **S2** se reportando a **S1** e não o contrário; d) **S2** designa os objetos, propriedades etc, em relação a certas enunciações de **M1**. Vejamos um exemplo: Bisser é um delocutivo lexical sincrônico de Bis! visto que as ocorrências dessa fórmula realizam o ato ilocucionário de pedir um novo retorno à cena. Isso não implica que a fórmula **M1** tenha sido pronunciada, mas somente que certas enunciações realizam o ato ilocutório com **S2**. Isso corresponde ao que enunciamos na hipótese b, na introdução, segundo a qual a base nominal dos verbos delocutivos tem caráter performativo. Dessa forma, a fórmula não representa uma enunciação, mas uma classe de enunciações (p.13), advindo daí o caráter metalingüístico da base do delocutivo.

2) **M2 = (F2,S2)** é delocutivo lexical diacrônico de **M1 = (F1,S1)**, se: a) **M2** for posterior a **M1**; b) à época **T** de sua aparição, **M2** for delocutivo lexical sincrônico de **M1**. Assim, todo o delocutivo lexical diacrônico teria sido delocutivo lexical sincrônico em uma dada época. Vejamos um exemplo: em francês há *A bon entendeur, salut*, que é nada mais do que uma transformação de *Salut!* em substantivo, vindo da expressão, hoje desaparecida em francês: “*Celui que (me) comprend bien, assure son salut*”.

3) Em síntese, **dizer 1 (M)** significa realizar ato ilocucionário em uma dada época por certas enunciações de **M** (delocutivo lexical sincrônico); **dizer 2 (M)** significa realizar ato ilocucionário ao realizar **M**. (delocutivo lexical diacrônico).

Para o autor, Benveniste não distinguiu adequadamente dizer 1 de dizer 2, o que pode ser visto em sua análise sobre *remercier* (‘agradecer’). Segundo Benveniste, *remercier* é delocutivo lexical sincrônico de *Merci!* porque significa dizer *Merci!* e não graça. Na opinião de Anscombe, não podemos fazer equivaler *remercier* - advindo da locução *dire: Merci!* - a *dire merci*, o que seria confundir o dizer da língua (*dire: Merci!*) e o da metalíngua (*dire merci!*). Na verdade, *remercier* não é igual a *dire merci* mas a *dizer 2 (merci)*, já que, atualmente, como escreveu Benveniste, nós reconhecemos o morfema (**M**) *merci* apenas com sentido de agradecimento. Logo, todos os seus usos remetem àquele significado, o que não acontece com o delocutivo lexical sincrônico.

Para Anscombe, Benveniste define os delocutivos por uma relação formal entre uma locução e um verbo denotando o enunciado desta locução. A locução se dá em referência ao discurso direto. Em resumo, segundo Anscombe, para Benveniste, os verbos delocutivos seriam verbos de menção. Vejamos as diferenças desses verbos nos usos que têm nos discursos reportados direto e indireto:

(1) Pedro disse: “Fará bom tempo amanhã”

(2) Pedro disse que fará bom tempo amanhã.

Enquanto (1) carrega a fala efetiva de Pedro sem, aparentemente, julgá-la, (2) evidencia o que se pensa ser a intenção de Pedro. Para Anscombe, o estilo direto não é usado “... apenas para apresentar o discurso de um locutor, mas para apresentar a materialidade de um discurso como atestando a existência e dando as informações sobre a materialidade de outro discurso” (p. 15). O primeiro enunciado lembra a delocutividade benvenistiana (extensional), isto é, dizer: X!, o segundo a sua delocutividade (intencional), isto é, dizer X. Os encadeamentos possíveis não são os mesmos nos dois casos. Por exemplo, abaixo, o uso do verbo *crer* está ligado à intencionalidade.

Pedro crê que fará um bom tempo amanhã.

*Pedro crê: “Fará um bom tempo amanhã”.

Ao confrontarmos os dois tipos sincrônicos do verbo *dizer*, observamos que existem cinco formas de verbalizar a locução X!

a) com um verbo pleno X-er (Ex: *bisser*; - dizer 2X)

b) com locuções verbais:

b.1) dizer X (Ex: *dire merci* - dizer 2 X) e

b.2) fazer X (Ex: *faire bravo*- fazer 2 X)

c) com construções em menção:

c.1) dizer: “X!” (Ex.: *Pierre a dit: “Merci”* - dizer 3 X) e

c.2) fazer “X!” (Ex.: *“Salut” fit-il brusquement* - fazer 3X)

Uma primeira observação a ser feita é o fato de nem X-er e nem *dizer 2X* implicam a enunciação de X!. Outras diferenças são ainda notáveis: a) O comportamento com os indicadores de quantidade: *Pierre a dit: “Bis, bis, bis!”* (Pedro disse: *Bis! Bis! Bis!*) não implica *Pierre a bissé trois fois* (Pedro bissou três vezes), o que significa dizer que X-er mais *n* vezes não indica o número de ocorrências da expressão. O mesmo pode ser visto com *dizer 2X*: *Pierre nous a dit merci/ *dit: Merci! pour le service*, b) As particularidades aspectuais: há diferenças aspectuais entre X-er, *dire je te X* e *dire: “Je te X”*. Por exemplo:

Pedro aprovou longamente a proposta de Max. (X-er)

?Pedro disse longamente que ele aprovava a proposta de Max. (dizer 2X)

*Pedro disse longamente: “Eu aprovo a proposta de Max.” (dizer 3X)

Em que *dizer 3* é pontual, ao contrário de *dizer 2* que pode carregar o aspecto durativo. Ex: *Pedro disse por muito tempo adeus/ * “Adeus!” a seus pais*.

A diferenciação entre os verbos de menção (*dizer 3*) e os verbos delocutivos (*dizer 2*) decorre do fato de os primeiros constituírem um relato do locutório e os segundos um relato do ilocutório.

Anscombe interroga-se, ainda, a respeito de uma categoria intermediária, a dos *verbos citativos*, isto é, *dizer 4 (M)*= utilizar a palavra ou o sintagma M para se dirigir a alguém. Exemplos: *to sir*; principalmente em “*Don’t sir me*” significa se dirigir a alguém por meio da palavra *sir*; *to baby*, tratar alguém como bebê; *to mother*, tratar alguém como se fosse sua mãe.

Benveniste (1988) propõe como delocutivos os verbos *tutoyer* e *vouvoyer*, que seriam, na opinião de Anscombe, citativos. *Tutoyer* não é um simples verbo de

menção (dizer 3X). Vejamos: *Même si on n'est pas intimes, on se tutoie/ *est à tu e a toi.* (Mesmo que nós não sejamos íntimos, nós nos tratamos por tu/ *est à tu te a toi.). *Tutoyer* serve para se dirigir a alguém utilizando a segunda pessoa do singular, enquanto *être à tu et à toi* é uma expressão de familiaridade que não implica o paradigma da segunda pessoa do singular, mas uma forma de polidez.

Da mesma forma, *tutoyer* (dizer 4X) e *dire tu* (dizer 3X) têm sentidos diversos. Ex: *Je vous interdis de me tutoyer/?dire tu.* (Eu vos proíbo de me tutoyer/ dizer tu). Os verbos ou locuções citativos possuem propriedades particulares. A ausência de artigo antes do termo utilizado é uma marca. Ex: *Pierre l'a appelée Madame/ *la Madame.* (Pedro a chama Madame */ a Madame). Os citativos coadunam-se com advérbios. Ex: *Max tutoie facilement.* (Max “tutoeia” facilmente). Eles compartilham certas propriedades com os verbos de menção, quais sejam: a) suportam o aspecto iterativo, mas não o durativo. Ex: *Max *a longuement tutoyé a ses profs.* (Max *“tutoeia” longamente seus professores), b) são descritivos e não avaliativos. Ex.: **Je trouve que Max dit tu/ tutoye à ses profs.* (*Eu acho que Max diz tu/ tutoye seus professores). Em contrapartida, as locuções citativas não se apassivam, tal como acontece com as locuções delocutivas. Ex.: **Papa est appelé son père par Pierre en public.* (Papi é chamado seu pai por Pedro em público).

Esses testes indicam que os citativos ocupam uma posição intermediária entre os verbos de menção e os delocutivos, produzindo, portanto, estágios de evolução:

1) X-er = pronunciar a locução X! Ex: *Je dis: “Merci!”* (Eu digo: Obrigado!) (uso do Discurso Direto) (estágio do verbo de menção)

2) X-er = utilizar a locução X! para se dirigir a alguém. Ex: *Je te dis: “Merci!”* (Eu te digo: Obrigado) (estágio performativo). Não há menção à intenção ligada ao uso de X! (estágio da citatividade)

3) X-er = utilizar a locução X! para se dirigir a alguém e, ao fazer isto, realizar um certo ato ilocutório (estágio sincrônico)

4) X-er = realizar o ato ilocutório onde a realização é, entre outras, assegurada pelo uso de X! Exemplo: *Je te remercie.* (Eu te agradeço). Nesse estágio, o verbo não recupera mais seu sentido não delocutivo (estágio diacrônico) (estágio da delocutividade).

2.3 Decisões teóricas

A crítica de Anscombe a Benveniste acerta ao esmiuçar o processo derivativo, reconhecendo estágios de derivação. No entanto, vale lembrar que Benveniste também faz distinção entre verbos delocutivos diacrônicos (caso de *saluere*) e sincrônicos (caso de *ualere*), apenas não os nomeando como tal. Benveniste interessa-se pelo estudo dos verbos delocutivos sincrônicos. Além disso, não se pode dizer que ele confunde língua e metalíngua, mas apenas que considera como delocutivos aqueles que apresentam processo morfológico pleno de verbo (X-er) e não processo morfológico parcial, advindo de locução verbal (dizer X).

Concluimos, também, que a base do que Anscombe considera delocutivos, verbos de menção e citativos, é sempre uma fórmula, isto é, um ato performativo. Essa inferência coaduna-se com o conceito de Benveniste de que a locução não pode ser uma onomatopéia, pois esta não se dirige a um *Tu*, não constituindo atividade de discurso.

Apesar das ressalvas feitas por Anscombe, adotaremos a perspectiva de Benveniste. A partir da releitura antes esboçada, procederemos à elaboração de testes que permitam verificar, em português, a natureza da base dos delocutivos plenos sincrônicos (X-ar), os quais são objetos de nossa análise.

2.4 Verbo de dizer: verbos performativos explícitos e implícitos

Pensamos que se a formação derivacional delocutiva for estudada de forma sincrônica, como propôs Benveniste, devemos considerá-la em todos os tipos de derivação, para além do sentido da soma das partes. Assim, no denominativo gerenciar, há o sentido de atuar como gerente, mas também o de chefiar, organizar. Tal também pode se dizer em relação ao deverbativo reler que significa ler uma segunda vez e também ler minuciosamente. Finalmente, os delocutivos desculpar e parabenizar também significam “pedir desculpas” e justificar-se; dizer parabéns! e felicitar.

Nos casos da derivação delocutiva, fica evidenciada uma propriedade da língua: na abstração de um significante, encontram-se virtualmente inúmeros significados. Mas cabe ainda perguntar: se parabenizar não significa apenas *dizer parabéns!*, qual é a vantagem dessa descrição? Tal pergunta devemos a Fruyt (1997, p. 63), que diz que *remercier* não significa apenas dizer *merci*, mas também dizer *milles merci!*.

Concordamos com a autora e vemos uma importância morfológica nessa descrição, semelhantemente ao que há em relação às derivações denominativa e deverbativa. Se, por um lado, parabenizar não significa apenas dizer Parabéns!, por outro lado, podemos dizer que parabenizar também não tem como base apenas um nome, mas também um ato oriundo do discurso que é parabéns!. Outro exemplo: em A turma do deixa-disso separou os que brigavam, temos um substantivo deixa-disso derivado da interjeição do discurso deixa disso!. Parece absurdo pensar que em uma briga se possa dizer tal expressão para acalmar os ânimos. No entanto, quando lemos essa expressão sabemos que ela vem de uma interjeição do discurso sincrônica ao substantivo, significando apartar, acalmar, ou, deixar de fazer o que se estava fazendo.

Para explicitar que a derivação delocutiva é também uma propriedade da enunciação na morfologia da língua investigamos uma classe de palavras que virtualmente pode produzir delocutivos. Conforme a releitura efetuada por Anscombe, uma locução do discurso é uma fórmula. Essa fórmula, em nossa concepção, remete aos performativos. Em outras palavras: a estrutura formular que estaria na base dos delocutivos seria compatível com a estrutura dos performativos.

Récanati (1981) enceta um estudo aprofundado dos performativos explícitos. A tese que Récanati postula desde o início é a de que os performativos explícitos nomeiam (descrevem) o ato de dizer que realiza uma ação. Eles possuem duas funções:

- a) realizar uma ação através de sua enunciação (função pragmática) e
- b) nomear essa ação ao explicitá-la (função semântica).

Récanati apresenta o seguinte exemplo para mostrar que essas duas funções não são excludentes: *Je cherche mes verres de contact*. (Eu procuro minhas lentes de contato.). Esse enunciado pode ser uma asserção com valor de verdade ou falsidade e pode expressar um pedido de ajuda. Para Récanati, o contexto da enunciação garante o entendimento do ouvinte desse ato como uma requisição, sendo, portanto, nesse caso, um performativo implícito. Récanati aproxima os performativos dos verbos delocutivos, pois ambos têm seu sentido advindo de um ato de enunciação mais ou menos formular. Comparem-se os exemplos *Eu te prometo* e *Obrigado!* em que o primeiro é um performativo e o segundo uma locução base para um verbo delocutivo, dizer: Obrigado!

Se verbos performativos e delocutivos apresentam base comum, isso indica que na passagem da língua (dizer: X!) à metalíngua (dizer X) há configuração diferenciada para os dois tipos de verbos, já que não se pode dizer que um performativo seja igual a um delocutivo.

No caso de dizer X, performativo, pode-se ver que é compatível com a estrutura do discurso indireto (doravante DI), isto é, é possível a conversão de locuções performativas em estrutura de DI. Em *Eu prometo que trago a Rafaela aqui em casa*, há conversão em DI em *Ele prometeu que traria a Rafaela em sua casa.*”. O DI apresenta, nesse caso, dois atos enunciativos:

- a) a posição subjetiva adotada;
- b) o ato da enunciação em si (cf. Flores, 1999, p. 144).

Essa posição é concordante com o que diz Récanati a respeito do duplo papel dos performativos explícitos:

- a) eles descrevem o ato (função semântica) e
- b) realizam-no (função pragmática).

Em *Ele jurou que viria almoçar*, temos que a primeira oração descreve o ato, enquanto a segunda mostra o compromisso propriamente dito. Concluimos, portanto, que há uma semelhança estrutural entre os verbos performativos e o discurso indireto.

Se os verbos performativos podem ser convertidos em DI, o que pode ser dito dos delocutivos? Há a mesma semelhança estrutural entre delocutivos e a estrutura do DI? Para responder a tais questões, precisamos observar qual a natureza do performativo que está na base dos delocutivos. Trata-se de performativo explícito ou implícito?

Realizamos, abaixo, um teste baseado na aproximação dos performativos aos delocutivos, tal como atestada por Récanati.

(1)

- a) *Eu juro que farei X*. (performativo explícito)
- b) Ele *disse* que jurava fazer X. (Verbo *discendi* com retomada do dito e passagem do dizer lingüístico de (a) para um dizer metalingüístico de (b). Há descrição.)
- c) Ele *jurou* que faria X. (Há avaliação sobre (b)).

(2)

a) Parabéns! (performativo implícito)

b) *Ele disse parabéns.* (Verbo *discendi* com retomada do dito e passagem do dizer lingüístico de (a) para dizer metalingüístico de (b). Há descrição).

b) *Ele gritou parabéns para alguém* (Há avaliação sobre (b))

c) *Ele parabenizou alguém.* (Delocutivo pleno).

Os performativos explícitos, como viu Récanati, têm, em sua estrutura, avaliação e descrição em verbos distintos. No caso (1), a descrição se dá com disse em (b) e a avaliação com jurou em (c).

Os delocutivos, por sua vez, condensam as duas funções em um só verbo. No caso de (2) parabenizou descreve e avalia, simultaneamente.

Em resumo: os performativos implícitos são a base para a formação dos verbos delocutivos, não podem aparecer em estrutura do DI e condensam descrição e avaliação. No entanto, há grandes chances de o delocutivo poder aparecer em estrutura do discurso direto (DD) uma vez que ela ressaltaria a locução que serviria de base para a derivação delocutiva. Os performativos explícitos, ao contrário, podem ser usados em estruturas do DI e têm avaliação e descrição em verbos distintos.

3. Metodologia para análise dos verbos delocutivos

As ocorrências analisadas foram extraídas de verbetes constantes no *Dicionário Gramatical de Usos do Português Contemporâneo*, de Borba (1990). Serão analisados dois verbos considerados delocutivos (desculpar e parabenizar) e um verbo não delocutivo (encorajar).

Os princípios de análise, formulados a partir de Benveniste (1988), são os seguintes:

1. Observar cada ocorrência do verbo que possa ter uso delocutivo. Para saber se o verbo está sendo usado com sentido delocutivo, procederemos da seguinte forma:

1.1. Verificar se o verbo retoma ou não uma locução (um performativo implícito). Se retomar uma locução, há possibilidade de o uso ser delocutivo;

1.2. Para confirmar a hipótese de delocutividade, pode-se parafrasear a frase em que o verbo em estudo aparece, colocando-a em estrutura de DD, já que ela ressaltaria a locução que serviria de base para a derivação delocutiva. Caso tal paráfrase produza um enunciado com sentido possível e aceitável, considera-se a ocorrência examinada como uso delocutivo. Se tal paráfrase produzir um enunciado não aceitável, considera-se a ocorrência examinada como uso não delocutivo;

2. Depois de realizadas todas as etapas previstas em 1, descrever regularidades quanto à sintaxe, à semântica e à morfologia.

Serão utilizadas as seguintes notações:

Sn: indica o sentido e a ordem da ocorrência conforme a ordem em que aparece categorizado no dicionário.

Par: paráfrase. Indica a segunda etapa, conforme metodologia.

I, II, III: Os números romanos indicam ocorrências do dicionário. A numeração recomeça a cada novo sentido.

4. Análises de usos delocutivos em verbos do Português

4.1 Usos delocutivos

DESCULPAR

S1: ‘perdoar, absolver’

I: Não posso desculpar ao amigo a intromissão na minha vida.

Par.: Não posso dizer ao amigo: “Desculpa (por se intrometer na minha vida)!” Esta paráfrase não mantém o sentido da ocorrência. É o objeto da ação (o amigo) que se espera que seja o sujeito agente da locução. Não retoma a locução (forma imperativa) Desculpa (-me)!.

É uso não delocutivo.

III: O moço que me desculpe a insistência, mas com quem vai negociar em Canudos?

Nesse caso, o enunciador (EU) é diferente do sujeito sintático do enunciado (o moço), pois é EU quem pede desculpa.

Par.: Eu digo a ti, moço: “Desculpa (a insistência)! Com quem vai negociar em Canudos?” Retoma a locução. Tal paráfrase permite dois comentários:

1) desculpar com sentido de absolver pode retomar a locução desde que o objeto direto seja pronominal (me) e referente ao EU (me). A pessoa em que o sujeito se expressa não interfere nesse caso: Eu não desculpo Fulano /Tu não desculpas Fulano/ Ele não desculpa Fulano. O sentido é de absolver e não de pedir desculpas;

2) apesar de retomar a locução, esse verbo não é suficiente para retomar a situação enunciativa. A locução retomada não é Desculpa a mim e sim Desculpa a mim pela insistência. A locução que se segue, Com quem vai negociar em Canudos?, proferida pelo mesmo EU ao mesmo TU em situação enunciativa anterior deixaria implícita que o ato de desculpar é uma insistência. Tal explicitação descaracteriza a delocutividade, tendo em vista que os delocutivos têm como locução um performativo implícito e não um performativo explícito.

É uso não delocutivo.

S2: ‘servir de escusa a’

I: A intenção não desculpa o crime.

Não há a possibilidade da paráfrase já que tanto sujeito quanto objeto não são humanos. Não retoma a locução.

É uso não delocutivo.

S3: 'justificar-se, pedir desculpas'

I: Cecília se desculpava das migalhas na cama.

II: A mulher se desculpou pelo atraso.

Par.: Cecília disse: Desculpem-me pelas migalhas na cama!; A mulher disse: Desculpem-me o atraso!. Há a retomada da locução Desculpe!. É uso delocutivo.

III: O rapaz desculpou-se e saiu.

Par.: O rapaz disse: Desculpa (a mim)! e saiu. Retoma a locução. É uso delocutivo.

S4: 'justificar-se alegando como desculpa'

I: Ele desculpou-se com a falta de tempo.

Par.: Ele disse: Estava sem tempo e por isso não fiz X. Não retoma a locução. É uso não delocutivo.

PARABENIZAR

S1: 'cumprimentar, felicitar'

I: O governador parabenizou o prefeito pelo êxito obtido com a construção da usina de tratamento.

Par.: O governador disse ao prefeito: Parabéns pelo êxito! Retoma a locução. Como a locução não retomou sozinha a situação enunciativa, o uso é não delocutivo.

II: Parabenizo a revista o Cruzeiro pela reportagem "As mulheres mais de 72".

Par.: Eu digo à revista: Parabéns! A reportagem X é muito boa.. Retoma a locução. Pode configurar uso delocutivo apesar de o objeto direto ser não humano. É um caso de metonímia: não se está parabenizando a revista mas os responsáveis pela reportagem citada. No entanto, não é uso delocutivo pois a locução não recupera sozinha a situação enunciativa. Por estar na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo e na voz passiva, há configuração de performativo explícito. É uso não delocutivo.

Em Eu parabenizei-o no seu aniversário. Par: Eu disse a ele no dia de seu aniversário: Parabéns! É uso delocutivo.

ENCORAJAR

S1: 'estimular, ajudar, favorecer por proteção'

I: Os puritanos encorajam o tráfico.

Não há a possibilidade de se retomar a locução "Coragem!". O sentido pertence ao universo do fazer. É uso não delocutivo.

S2: 'estimular, incitar'

I: Tudo isso encorajou-nos a realizar este trabalho.

Não há a possibilidade de se retomar a locução. O sentido pertence ao universo do fazer. É uso não delocutivo.

S3: 'inspirar coragem a, animar'

I: A mãe encorajava o filho com um sorriso.

Não há a possibilidade de se retomar a locução, pois não é um dizer que faz animar e sim um ato (sorriso). É uso não delocutivo.

S4: 'adquirir ânimo'

I: Bernardo não se encorajava a entrar no banho.

Não há a possibilidade de se retomar a locução, pois o verbo não se origina de um dizer. A paráfrase é pouco aceitável como uso: Bernardo disse a si mesmo antes de entrar no banho: Coragem! É uso não delocutivo.

S5: 'adquirir coragem'

I: Tatu repetia com o pai para se encorajar.

Não retoma a locução. É uso não delocutivo.

S6: 'dizer 'Coragem!''

I: Maria encorajava o filho com palavras doces.

Par.: Maria disse: coragem!. Retoma a locução dizer: Coragem! É uso delocutivo.

4.2 Regularidades na derivação delocutiva verbal

a) Sintaxe:

Todos os verbos analisados requereram como condição para delocutividade: sujeito agente; objeto direto de natureza humana.

b) Semântica:

I: Quando o EU necessita explicitar a situação enunciativa para o TU, não há delocutividade. Isso porque o delocutivo resume em si a situação enunciativa, caracterizando passagem da enunciação para a língua. Da mesma forma que os performativos explícitos configuram a situação enunciativa em si mesmos, os delocutivos também o realizam. O diferencial entre os dois, além daqueles já apontados, é a capacidade de recuperar a situação enunciativa para primeira, segunda e terceira pessoas do delocutivo. Tal capacidade fica restrita à primeira pessoa no caso dos performativos explícitos. Ex: Eu juro que *X é diferente de* Ele jura que X; Eu parabeneizei Fulano é igual a: Ele parabenizou Fulano (em termos de possibilidade de retomar um dizer). Nos casos em que a locução retoma sozinha a situação enunciativa, configurando, portanto, delocutividade, tal situação pressupunha uma locução.

Nos casos em que a locução não retoma sozinha a situação enunciativa, a função da locução é justamente a de configurar uma situação enunciativa não pressuposta, isto é, não tácita entre locutor e interlocutor.

c) Morfologia:

Conforme Sandmann (1989), o sufixo formador de verbos de maior produtividade é *-ar*. No caso de parabenizar, em que há a terminação *-izar*, tem-se, na verdade, uma de adequação silábica, fenômeno de natureza morfofonológico: o verbo parabenizar contém o radical *parabéns* ao qual acrescentou-se a vogal *-i* para que o verbo entrasse no sistema fonológico do português.

O baixo número de formação de verbos delocutivos deve-se ao fato de a delocutividade expressar-se igualmente através de locuções verbais. Esses casos são, em sua maioria, concorrentes em relação aos verbos plenos. Existe na língua a construção com verbo-suporte dar um bom dia, mas não a construção **bomdiar*.

5. Conclusão

O presente trabalho conclui que a derivação do tipo delocutivo deve ser vista de forma sincrônica, pois, se considerarmos o EU como centro de referência de seu discurso, devemos admitir que esse discurso pode somente conter uso delocutivo de um verbo se nele se conseguir recuperar um performativo implícito a ele contemporâneo.

Constatamos, além disso, que a ausência do processo de derivação nas gramáticas deve-se à incipiente consideração do nível da Semântica nas mesmas. Como observado, esse nível precisa de outros critérios para observação de fenômenos lingüísticos. Entre eles estão: a consideração da fala, da comunicação intersubjetiva (EU-TU/ ELE) e de mecanismos lingüísticos que expressam esse nível (por exemplo, a relação discurso direto e indireto).

Conclui-se favoravelmente às hipóteses, uma vez que além dos processos deverbativos e denominativos de formação dos verbos, é possível propor, para o português, a classe de verbos formada por delocutividade e tal derivação dá-se com relação ao caráter performativo da base nominal.

Além disso, este trabalho reflete sobre a derivação canônica de forma geral, isto é, sobre as noções e classificações de derivação propostas pelas gramáticas e estudos lingüísticos, propondo que se observe todo e qualquer processo de derivação através da integração dos componentes sintático, semântico, morfológico e pragmático.

6. Referências

ANSCOMBRE, J.C. **De l'enonciation au lexique: mention, citativité, délocutivité.** IN: *Langages*. Paris : n° 20, p. 9-33. dec. 1985a (revue trimestrielle).

_____. **Onomatopées, délocutivité et autres blablas.** IN : *Revue Romaine*. Paris: n° 20, p. 169-207, dec. 1985b (revue semestrelle).

ENVENISTE, E. **Os verbos delocutivos.** IN: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 306-315, 1988.

BORBA, F. (coord.) **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil.** São Paulo: UNESP, 1990.

FLORES, V. **Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FRUYT, M. **Les verbes délocutifs selon E. Benveniste.** In: ARRIVÉ, M. & NORMAND, C. (Orgs.). Emile Benveniste Vingt Ans Après. Paris : CRL - Université Paris X, p. 61-70, 1997.

RÉCANATI, F. **Énonces performatifs et les actes illocutionnaires** : le point de vue conventionaliste. IN : Les énonces performatifs. Paris : Les Editions de Minuit, p. 96-138, 1981.

SANDMANN, A.J. **Formação de palavras no Português Brasileiro Contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.